

Victor Augusto Lage Pena, UFOP<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho consiste em uma análise das diferentes representações do estado de União de Jeovah e seu líder Udelino Alves de Matos. Este que consiste em um movimento agrário ocorrido nas décadas de 1940 e 1950, na região do Vale dos Aimorés, área contestada entre os estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Este movimento objetivava criar um novo estado, o Estado de União de Jeovah, onde as terras seriam distribuídas de forma justa entre os posseiros. Concomitantemente chega a região fazendeiros com documentação das terras, querendo desapropriar os posseiros, o que instaurou na região um conflito entre posseiros e fazendeiros. Neste trabalho é analisada as diferentes memórias construídas sobre o movimento, que ora representa o movimento como messiânico, sendo Udelino um líder político e religioso; ora como um movimento agrário laico, sem vínculo religioso. Consideramos aqui como “memória” todas as produções referentes ao movimento. Utilizando os conceitos de “memória cultural” e “memória comunicativa” de Aleida Assman, analisamos as mais diversas produções sobre o movimento. Entendemos toda a produção materializada sobre o movimento, livros literários, históricos ou didáticos; documentário; e documentos arquivísticos como pertencentes a “memória cultural” e a memória existente apenas na oralidade, sobrevivendo a poucas gerações, como “memória comunicativa”. Através da análise desses documentos buscamos compreender o movimento de criação de diferentes representações sobre ele. Não é nosso objetivo afirmar se o movimento era o não messiânico, e sim discutir as diferentes representações sobre ele e sobre o seu líder Udelino Alves de Matos.

**Palavras-chave:** Estado de União de Jeovah; memória; representação; messianismo.

### As representações do movimento União de Jeovah

Este trabalho tem por objetivo analisar as representações do movimento de União de Jeovah, a fim de entender o surgimento de uma representação dominante em detrimento de uma representação deixada ao esquecimento. Por mais que em pesquisas recentes essas representações, antes deixadas ao esquecimento, já estão sendo utilizadas por pesquisadores do movimento.

União de Jeovah foi um movimento ocorrido na região do Serra dos Aimorés<sup>2</sup>, região de litígio entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, pois não havia nada que determinasse a qual estado pertenceriam aquelas terras. O movimento começa na década de 1940, não conhecemos a data exata, mas sabemos que com a chegada de Udelino Alves de Matos a região o movimento começa a ficar mais articulado internamente.

Udelino, que foi o líder no movimento, chega e aloca-se na vila de Cotaxé, onde seu primeiro ofício foi como professor. Como era um dos poucos da vila que sabia ler e escrever, Udelino dedicava parte do seu tempo para alfabetizar outros lavradores. Devido seu letramento, logo foi visto como um homem inteligente na região, o que levou a ser também o líder do movimento que seria criado ali.

Essa região era uma região desocupada após o extermínio dos índios aimorés que ali viviam. Na década de 1940 começa a chegar na região um grupo pessoas das redondezas em busca de terras para plantar, colher e sobreviver. Eles desbravavam terras sem ocupação atual e se instalavam da região, onde se apossavam das terras que encontraram, sendo assim chamados de posseiros. Posteriormente chega a região alguns fazendeiros, e com documentação dessas terras travam uma disputa com os posseiros. Como a região era contestada, não havia intervenção efetiva de nenhum dos dois estados, nem de Minas

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto. Graduado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>2</sup> Região nordeste de Minas Gerais e noroeste do Espírito Santo, onde hoje ocupam os municípios de Mantena (MG), Barra de São Francisco (ES), Mantenópolis (ES), Ecoporanga (ES) e Água Doce do Norte (ES).

Gerais, nem do Espírito Santo, o que possibilitou a existência de uma guerra entre posseiros e fazendeiros, uma verdadeira terra sem lei.

No final da década de 1940 e início da década de 1950, começaram as intervenções policiais na região, a maioria delas por parte do Espírito Santo. Porém, os policiais faziam o trabalho de reintegração de posse, colocando-se do lado dos latifundiários nessa disputa. O movimento acaba no início de 1953 quando a Polícia Militar faz um cerco na Casa de Tábua, sede administrativa do Estado de União de Jeovah, e destroem a casa queimando tudo que havia dentro. Muitos dos posseiros morreram nesta ação policial, porém alguns deles conseguiram escapar. Sabemos que Udelino consegue escapar desta emboscada, pois existe uma carta assinada por ele, do Rio de Janeiro, em 15 de abril de 1953, momento após a emboscada policial e o fim do movimento (MATOS, 1953). Porém, não foram encontrados registros após esta carta. Portanto, Udelino desaparece da região sem sequer dar certeza de sua morte.

Antes de passarmos para as análises das diferentes representações do movimento, precisamos esclarecer alguns conceitos utilizados neste trabalho. Como utilizaremos fontes orais e escritas, torna-se necessário citar os conceitos de Assmann (2011, p. 17) diferenciando uma “memória cultural” e uma “memória comunicativa”.

Há, então, um paralelo entre a memória cultural, que supera épocas e é guardada em textos normativos, e a memória comunicativa, que normalmente liga três gerações consecutivas e se baseia nas lembranças legadas oralmente.

Assmann divide a memória em “memória comunicativa” e “memória cultural”. Vale ressaltar que dentro das “memórias culturais” estão incluídas memórias que foram documentadas, escritas, arquivadas, como no caso da literatura, da mídia, dos documentos arquivados, e dos materiais didáticos. Porém a construção de uma memória cultural não é algo tão simples:

Já que não há auto-organização da memória cultural, ela depende de mídias e de políticas, e o salto entre a memória individual e viva para a memória cultural e artificial é certamente problemático, pois traz consigo o risco da deformação, da redução e da instrumentalização da recordação. (ASSMANN, 2011, p. 19).

Além de compreender que estes documentos se tornam memória cultural, por serem capazes de ultrapassar gerações, mantendo registrado suas informações, devemos manter claro que se tratam de representações do passado ali registradas. Da mesma forma que não devemos crer na “utopia de um relato completo” (SARLO, 2007, p. 50), não devemos crer em uma utopia de um documento que descreva o passado de forma completa, pois está sempre presente um jogo de representações.

Mas afinal, o que seriam essas representações? Todo esse processo de reconstrução do passado através das diferentes memórias está intrinsecamente ligado à ideia de representação. Pois como o passado se foi, e não existe mais, não temos como reconstruí-lo tal como ele foi, restando apenas a capacidade de representar tal passado. Como afirma Roger Chartier (2010, p.24), “o testemunho da memória é o fiador da existência de um passado que foi e não é mais”. Neste artigo, objetiva-se encontrar as diferentes representações do movimento União de Jeovah.

Tentaremos agora compreender as diferentes representações do movimento jeovense<sup>3</sup>. Para tal,

<sup>3</sup> Nome dado por Adilson Vilaça ao movimento de criação do Estado de União de Jeovah.

utilizaremos a obra literária de Adilson Vilaça, *Cotaxé* (2007), a obra de Luzimar Nogueira Dias, *Massacre em Ecoporanga*, e uma Comissão Parlamentar de Inquérito aberta em abril de 1953, a primeira de três comissões que abordam violências na região contestada. Também faremos comparações com memórias orais coletadas no município de Ecoporanga em 2010, com um livro didático de História do Espírito Santo e um documentário sobre o tema. Neste caso, o ponto mais destoante das representações está ligado ao seu caráter messiânico ou não.

Inicialmente é importante compreender o conceito apresentado por Maria Isaura Queiroz, para quem o messianismo consiste em uma doutrina, podendo ser cristã ou qualquer outra forma de religiosidade. Essa doutrina obrigatoriamente gera um movimento social/religioso, onde é respeitada toda a sua lógica interna que varia conforme cada doutrina. O movimento messiânico necessita de um líder, no caso o messias, ou o profeta, personagem que deve ser carismático, tendo características de um líder religioso, sendo considerado um filho de Deus, ou um enviado divino, responsável pela melhora na sociedade em que vivem seus seguidores (QUEIROZ, 1965).

A principal diferença entre a religião tradicional e o messianismo consiste na relação da atividade efetiva dos adeptos. Enquanto a religião tradicional se fixa apenas em uma celebração divina em conformidade com a realidade, os movimentos messiânicos lutam, não importando como, para que a justiça seja instaurada na terra:

O messianismo se afirma, pois, como uma força prática, e não como uma crença passiva e inerte de resignação e conformismo: diante do espetáculo das injustiças, o dever do homem é trabalhar para saná-las, pois sua é a responsabilidade pelas condições do mundo. (Ibidem, p. 07)

Percebe-se então que um movimento messiânico precisa de uma crença, somada a uma luta política, uma ação transformista, regida e incentivada pela crença em questão. Complementando a compreensão do conceito de messianismo, é relevante citar Maurício Vinhas de Queiroz, que compara um movimento messiânico a um movimento social laico:

O messianismo significa algo mais que um simples “desgosto” pelo mundo, ou uma não-aceitação da vida social como esta se revela. Nos movimentos revolucionários laicos, há também uma recusa às condições de existência, porém os revolucionários procuraram atuar dentro da realidade, a fim de transformá-la. Já o messianismo leva sempre a um alheamento, a um desligamento do corpo social, e à instauração, fora dele e oposta a ele, de uma nova comunidade que confia na transfiguração supranaturista do mundo. [...] O messianismo é uma revolta alienada. (QUEIROZ, 1996, p. 252/253).

Além de uma fé, é necessário a ação dos indivíduos envolvidos, o que gera um movimento de motivação política e religiosa. Entendemos então que para considerarmos um movimento político enquanto messiânico, a luta política caminha lado a lado de uma fé religiosa, uma crença espiritual no líder do movimento, onde, por ser um enviado de Deus, teria o poder da verdade e a capacidade de liderar o movimento. Porém, quando Vinhas de Queiroz afirma que é uma revolta alienada, devemos entender com cautela, pois “o apelo a valores religiosos não seria uma atitude alienada, mas a expressão da revolta por meio do único canal possível no contexto cultural tradicional”. (NEGRÃO, 2001, p.122).

É muito comum que a luta política sertaneja seja construída com embasamentos religiosos, pois a religião, na maioria das vezes um catolicismo popular repleto de sincretismos, é muito presente na cultura popular do sertão brasileiro. Não podemos ignorar tais características culturais desses grupos. Quando Vinhas de

Queiroz afirma uma alienação no movimento messiânico, ele se refere ao pouco conhecimento político dos envolvidos. Porém, como salienta Lísias Nogueira Negrão, não se trata de uma alienação e sim uma busca política através do viés mais acessível a eles, no caso o viés religioso.

Começaremos então as análises pela obra literária, Vilaça deixa claro que o livro não se trata de uma reprodução, ou a construção de uma verdade sobre o passado. Ele afirma no prefácio do livro que: “Não é tarefa do artista contar as coisas como sucederam, mas como poderia ter sucedido.” (VILAÇA, 2007, p. 13). Porém, mesmo deixando claro que aquela não era uma obra histórica e sim literária, de ficção, o romance ajuda a construir todo um imaginário sobre o acontecimento.

Em seu livro, há uma construção do personagem Udelino como uma pessoa extremamente religiosa, e mesmo quando aparece como líder político, ainda carrega marcas da religião em seu discurso, criando assim uma imagem de que o movimento de União de Jeovah tenha sido um movimento messiânico. São muitas as cenas do romance em que Udelino evoca o nome de Deus, faz rezas e outras atividades religiosas, como: “Udelino pregava que o território era réplica do paraíso.” (Ibidem, p. 15), ou uma fala do personagem no livro que dizia: “Meus colegas lavradores, amados filhos de Deus. O bom Pai nos agraciou com a oferta do paraíso.” (Ibidem, p. 63). Nestas frases, como em tantas outras espalhadas pelo livro, é possível notar explicitamente que Vilaça representa Udelino sim como um líder religioso.

Porém, ao analisar a primeira Comissão Parlamentar de Inquérito, feita na época para avaliar a extrema violência dos policiais militares na região, onde constam alguns depoimentos, perceberemos que há uma representação um tanto divergente da apresentada por Vilaça. Esta CPI, de abril 1953, traz algumas denúncias em material escrito, a maioria feita por lavradores da região, e dois depoimentos orais. Um do Deputado Federal Wilson Cunha, quem fez a denúncia, e outro do Major Djalma Borges, principal responsável pela ação militar na região. Nestes depoimentos encontramos alguns trechos que tratam de Udelino Alves de Matos.

O primeiro a testemunhar no processo foi o Wilson Cunha, e ao descrever o líder do movimento jeovense ele faz a seguinte afirmação:

Ele não era um homem equilibrado, era um homem de espírito muito rude, mas de muita inteligência, não recebeu instrução mas tinha inteligência, e achou que era o líder daquele movimento, deste movimento que não era outro senão para reclamar justiça, desejando ver concretizada uma punição para aquela Polícia que vinha desabridamente matando, espancando, roubando. (ESPÍRITO SANTO, 1953, p. 58)

É notável que Cunha, ao se referir a Udelino, destaca suas características como líder de um movimento, falando de sua inteligência e de como buscava a justiça na região. Em nenhum momento é relatado o envolvimento de Udelino com a fé religioso, ou em ritos religiosos. Ainda em seu depoimento, Wilson Cunha é perguntado mais detalhadamente sobre Udelino<sup>4</sup>:

O Sr. Oswaldo Zanello – Nobre deputado Wilson Cunha, pelo que vemos, através da leitura do noticiário da imprensa da Capital do Espírito Santo, há uma afirmativa, embora V. Exa. tenha abordado por alto este assunto, de que estariam se processando na zona da Mata, Município de Barra de São Francisco, uma verdadeira revolução de índole comunista, sendo chefiada pelo Sr. Umbelino [sic] que, segundo denúncias formuladas, é comunista fichado, vindo da Bahia. Poderia V. Exa. informar-nos algo a respeito?

4 Nota-se que durante o processo referem-se a Udelino com o nome de “Umbelino”. Não se sabe se ocorreu um erro de digitação do escrivão, ou um desconhecimento dos membros da CPI e do entrevistado sobre a forma correta do nome de Udelino.

O Sr. Wilson Cunha – [...] Não sei se esse Sr. Umbelino [sic] é comunista, se é baiano, se foi fichado. [...] Sei que ele é na região uma espécie de líder. Mas é, sem dúvida, um homem um tanto revolucionário, pela sua própria natureza. Mas a sua revolução era essa de protesto contra os espancamentos, pelo menos quando me procurou no Rio de Janeiro com um memorial o que ele dizia e o que constava no memorial é que queria que se fizesse um inquérito para apurarem-se essas responsabilidades da política. Desejava, também, que o Ministério da Agricultura criasse uma escola naquela região e que o Governo Federal interviesse lá no sentido de distribuir as terras com esses homens que delas estavam apossados. Não sei se há comunismo nisso... (Ibidem, p. 73,74).

Nota-se que havia, naquele momento, uma imagem de Udelino enquanto comunista, afinal, suas ideias de repartição de terras muito se assemelham as lutas dos movimentos agrários de cunho comunista. Ao responder esta pergunta, apesar de não afirmar, Cunha também não nega a possibilidade de Udelino ser comunista. Ele volta a frisar que ele seria “uma espécie de líder”, ressaltando seu caráter “revolucionário”, mas em nenhum momento é citado qualquer envolvimento de Udelino com religião, ou utilização da religião para alcançar seus objetivos. O que está relatado são estratégias políticas, assim como qualquer movimento social.

Nesta mesma CPI, consta o depoimento do acusado, Major Djalma Borges, onde ele é acusado de ser mandante dos atos violento da polícia no local. Em seu depoimento, Borges também cita Udelino em um dado momento: “denunciavam que um bando de 228 homens armados, sob a chefia Umbelino Alves de Matos, digo sob a chefia de Udelino Alves de Matos, estava tomando as propriedades e matando os respectivos proprietários.” (Ibidem, p. 109). É notável que neste depoimento, Borges ao tentar não ser acusado de violência, reafirma o caráter violento de Udelino. Novamente, não foi encontrado nenhuma referência do líder jeovense como líder também religioso.

Posteriormente, perguntado mais a fundo sobre o movimento de União de Jeovah, Borges chega a afirmar que “as ideias de Udelino são comunistas, mas que não pode afirmar que ele seja comunista.” (Ibidem, p. 112). Percebemos então, que era inegável para quem presenciou o movimento jeovense, que suas ideias muito se assemelhavam as ideias do partido comunista. Apesar de nunca terem certeza de sua filiação ou envolvimento direto ao partido, sempre havia uma dúvida em relação a tal ponto.

Entendendo esta representação de Udelino como um suposto comunista, ou com ideias que se aproximam ao comunismo, voltemos a análise do romance *Cotaxé*. Neste romance existem duas passagens em que Udelino se encontra com o personagem Francisco Rosa, membro do Partido Comunista do Brasil. Sendo a primeira cena:

Após o comício, um representante dos comunistas esperava Udelino detrás do coreto. Era um rapaz claro, de olhos castanho-esverdeados, chamado Francisco Rosa.

- Acho que é um homem inteligente e não vai iniciar uma guerra. Os camponeses não estão preparados para essa tarefa. Falta organização.

- Quem é você? – quis saber Udelino.

- Francisco Rosa. Pode me chamar de Chico.

- Então o senhor que é o tal Chico, o ateu?

- Se o senhor prefere assim, assim pode ser. O que o senhor não pode fazer é misturar a questão agrária com essa ridícula ideia de fazer um novo estado. Por que não repensamos a estratégia? Podemos nos aliar.

- Ridículos são os senhores, que não passam e meia dúzia que não tem nem o respeito do povo – foi a resposta de Udelino. E mais: - O povo está comigo, e Deus nos protegerá!

- O senhor é um populista! – Reagiu Chico Rosa.

- E o senhor já está cheirando a defunto!

Imune à ameaça, Chico Rosa voltou-se as costas e foi ajuntar-se a outros três, quatro membros do Partido, que o esperavam do outro lado da praça.

- O sujeito é megalomaníaco! – Sintetizou aos camaradas. (VILAÇA, 2007, p. 197, 198).

Nessa cena percebemos que há uma representação do Partido Comunista Brasileiro, na figura de Francisco Rosa, como o sábio, que percebia que o movimento jeovense não daria certo e criticava Udelino como “populista” e “megalomaníaco”. E Udelino, sempre baseado em Deus, seria um fanático religioso que colocava o movimento agrário em grande perigo. Nesta cena, percebemos que Udelino sempre fala de Deus, criando uma imagem de um extremista religioso, onde a sua maior crítica ao personagem Rosa é o fato de ser ateu. Nota-se que esta representação muito se difere das encontradas na CPI de abril de 1953.

Vale frisar que o livro *O Massacre em Ecoporanga*, de Luzimar Nogueira Dias, este que foi o primeiro livro publicado que tratava do movimento, chega a citar que o movimento possa ser messiânico na introdução do seu livro:

Os Primeiros conflitos entre camponeses e latifundiários ocorreram, de fato, em Cotaxé, com a chegada de Udelino Alves de Matos e outros desbravadores, no final dos anos 40. Uma luta que as autoridades da época compararam a uma “nova Canudos”. [...] Udelino seria um Antônio Conselheiro, por sua religiosidade, misticismo, tentando fundar um novo estado na região litigiosa, com o nome de “Estado de União de Jeovah”. (DIAS, 1984, p. 13)

Porém, ao longo do capítulo dois, intitulado *Estado União de Jeovah*, dedicado integralmente ao movimento jeovense, não é encontrado nenhuma referência a Udelino como líder religioso, muito menos do movimento como messiânico. É evidenciado no livro o caráter político do livro, ressaltando os movimentos de luta por terras, principal objetivo do movimento me questão.

De qualquer maneira, a representação apresentada no romance histórico *Cotaxé*, de Adilson Vilaça, acabou sendo uma representação dominante, pois ela chega até os jornais contemporâneos e aos livros paradidáticos. Em 2010 saiu uma reportagem em um jornal de grande circulação no Espírito Santo, A Tribuna, onde é possível constatar tal representação de Udelino: “Magro, alto e sempre usando terno preto, Udelino, que não gostava de fotografias, recorria à Bíblia para unir os camponeses.” (SEGATTINI, 2010, pág. 18). Percebemos nesta reportagem, uma representação até caricata de um líder religioso ao se tratar do líder jeovense. O mesmo ocorreu em uma reportagem de 1997, no jornal *A Gazeta*, também de grande circulação no Espírito Santo, em que, em uma entrevista com Adilson Vilaça reforçam a ideia de que “este estado seria baseado em uma religiosidade muito forte. Ele prometia um paraíso em terra, e som esta promessa encantava as pessoas.” (CURRY, 1997, p. 3).

O mesmo ocorre quando tratamos de livros didáticos que tratam o tema. No livro *História e Geografia do Espírito Santo* de Thais Moreira e Adriano Perrone (2007, p. 126), é possível encontrar mais uma vez esta representação. “Foi criado pelo movimento o Estado de União de Jeová, num misto de questão fundiária e pregação religiosa. ”

O mesmo também é notado no documentário *O efêmero estado União de Jeovah*, em que é possível encontrar uma representação do movimento enquanto messiânico. O vídeo foi montado com entrevistas e com encenações dos personagens, como o próprio Udelino, e uma das primeiras falas do personagem é: “O bom Pai nos agraciou com a oferta do paraíso” (O EFÊMERO, 2014, 3min). É nítida a representação do personagem como um líder messiânico, que evoca o nome de Deus, como Pai, considerando as terras em questão como um paraíso.

Durante as entrevistas, somente os fazendeiros consideravam Udelino um líder religioso, a exemplo coloco aqui a frase de Romeu Tinoco: “Udelino era um Antonio Conselheiro mirim, mas Antonio Conselheiro tinha conhecimento das coisas, tinha um pouco de cultura, já Udelino era analfabeto”. (O EFÊMERO, 2014, 12min 45seg). Nota-se que Tinoco além de compará-lo ao líder messiânico de Canudos, o desqualifica, colocando-o como analfabeto, como despreparado. Ao longo do documentário é possível notar que esta fala se torna até insustentável, pois há vários depoimentos que afirmam que Udelino era professor alfabetizador na região. É notável que existe neste discurso uma tentativa de desmerecer a imagem de Udelino.

Porém, ao longo do documentário, em nenhum momento é questionada a possibilidade do movimento não ser messiânico. O documentário dialoga com todas as representações apresentadas anteriormente, onde Udelino é sim um líder religioso para a comunidade. Assim, podemos afirmar que há, precisamente, uma representação dominante, e frequente, sobre o movimento considerando-o messiânico.

Em contrapartida a essa representação dominante existe a memória comunicativa dos moradores da vila de Cotaxé se diferenciando das demais. José Camilo Penna (2003, p. 305) ao trabalhar com a memória de Rigoberta Menchú, uma indígena que representava a identidade de seu povo de forma diferente da existente na história dita tradicional, defende que “a importância do testemunho na América Latina espanhola está ligada à possibilidade de dar expressão a culturas com uma inserção precária no universo escrito e uma existência quase que exclusivamente oral.” É nítido que o mesmo ocorre na vila de Cotaxé. Esta vila vive em uma cultura majoritariamente oral, pois a maioria dos lavradores eram analfabetos. Portanto torna-se importante reconhecer essa memória produzida na vila que não foi registrada de forma escrita.

Em entrevistas realizadas em 2010 podemos encontrar memórias bastante distintas das apresentadas pelo romance e pela mídia sobre o movimento. Tais memórias se assemelham com os dois depoimentos que constam na CPI de abril de 1953. Um dos entrevistados foi o senhor Josué Josué Brochini Serra, conhecido também como o “Sr. Amor do Cotaxé”, posseiro, filho de jeovense, que se mudou para Cotaxé em 1952 quando tinha 7 anos de idade.

**Entrevistador:** O que Udelino propunha nesse Estado de União de Jeovah?

**Josué:** [...]O que eu sei é que Udelino queria, por isso e por aquilo, criar um estado.

**E:** Voltando a Udelino, você saberia me dizer o que levou as pessoas a apoiarem Udelino?

**J:** [...] Udelino chegou aqui numa época que o povo não tem um líder, todo mundo iria com a cabeça que queria. Udelino chegou e botou na cabeça do povo que se criasse um estado aqui [...] poderia vir coisas melhores, como hoje nós acreditamos que venha coisas melhores. Um estado onde o povo tinha mais direitos, onde o povo tinha mais união, eu acho que foi mais ou menos isso. Udelino foi um cara muito inteligente assim na maneira de liderar o povo.

**E:** Existia alguma ligação com religião?

**J:** Pelo o que eu vejo, Udelino era católico. Pelo o que eu sinto da religião da época, ele era católico. (SERRA, 2010).

Nesta entrevista percebe-se que a memória do entrevistado não dá importância para a religião do Udelino, de forma que o fator religioso não foi nela incluído como relevante para a criação do Estado de Jeovah. Outro entrevistado relata a mesma situação. O senhor Anísio Ribeiro de Araújo, nascido em Vitória da Conquista em 1923, e mudou-se para a região contestada em 1948.

**Entrevistador:** O senhor sabe qual era a religião de Udelino?

**Anísio:** Não sei... era católico.

[...]

**E:** O Udelino falava de religião?

**A:** Comigo ele nunca falou de religião.

**E:** O que o senhor conversava com o Udelino?

**A:** Sobre posseiro, sobre posse, sobre pobre. Sobre essa guerra que tinha entra fazendeiro e posseiros. A nossa conversa era essa. (ARAÚJO, 2010).

É notável que nas duas entrevistas, os entrevistados enxergam o movimento jeovense como um movimento agrário, sem vínculo religioso. Ainda é cedo para negar a existência deste caráter religioso, porém, se ele existiu não foi o motivo pelo qual os posseiros se envolviam no movimento, o que dificulta a afirmar que o Udelino seria um líder também religioso.

Devemos levar em consideração ainda, que estamos trabalhando com relatos, e nestes relatos há uma perspectiva particular do passado, uma visão dos que moravam na região, um discurso criado a partir da experiência vivida.

Os relatos testemunhais são “discurso” nesse sentido, porque têm como condição um narrador implicado nos fatos, que não persegue uma verdade externa no momento em que ela é enunciada. [...] E, como observava Halbwachs, o passado se distorce para introduzir-se coerência. (SARLO, 2007, p. 49)

É preciso reconhecer que é plenamente possível que esse discurso do passado tenha sofrido alterações com o passar dos anos, que as experiências do presente tenham modificado tal memória do passado. Ou que por uma questão do objetivo do movimento ser majoritariamente a distribuição de terras, esse fato, o religioso, teria sido omitido pelos entrevistados. Muitas coisas ainda podem ser questionadas, mas apresento aqui um primeiro passo para esta reflexão.

Levando em consideração as diferenças representativas apresentadas acima, podemos afirmar que ocorre o que Chartier (1990, p. 17) chamaria de luta de representações, onde há a intencionalidade de manter uma representação como história oficial e levar a outra representação ao esquecimento. “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.”

Existe um interesse político neste jogo de representações. É comum existirem grupos que, ao defender seu posicionamento impõe a sua representação do passado, fazendo com que outras formas de representar tal passado sejam deixadas a margem. Chartier compara a luta de representação coma as lutas econômicas, pois elas também exercem uma relação de dominante e dominado. No caso de Cotaxé, a memória dos que tinha acesso a escrita se impõe sobre a memória dos que não tinham acesso.

Fica a questão para um próximo passo da pesquisa: de onde surge essa representação messiânica? Por que ela é criada? Quem a reproduz? Pensando a partir deste problema foram analisados alguns documentos. O documento mais antigo encontrado, que refere ao movimento como um movimento messiânico, foi um ofício assinado pelo chefe de Estado do Espírito Santo da época, Jones dos Santos Neves, encaminhada ao Ministro de Justiça e Negócios Interiores, onde ele justificava o ataque ao movimento jeovense:

O relatório firmado pela autoridade que presidiu o inquérito, o brioso oficial major Djalma Borges, é testemunho eloquente da grave anormalidade reinante na região que, não fossem as prontas e enérgicas providências repressivas adotadas pela Polícia do nosso Estado, bem se poderia transformar em um novo Canudos, eis que, para tal, até a exploração mística da ingenuidade da nossa massa rural se fazia presente, nos propósitos de um aventureiro

que ali criara a “República União de Jeovah”. (NEVES, 1953).

Fica claro, nas palavras de Jones dos Santos Neves, que para justificar o tal ataque, o movimento jeovense foi comparado ao movimento de Canudos. Além dessa comparação há uma nítida referência ao místico quando se trata de Udelino. Nesse primeiro momento da pesquisa ainda não é possível afirmar ao certo que foi o próprio Estado repressor que cria essa representação, porém este é o indício mais provável encontrado.

Não pretendemos neste artigo dar conta desta nova questão, pois se trata de uma pesquisa ainda em andamento. Porém, é interessante registrar os próximos passos a serem dados, além das novas questões levantadas desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**: Formas e transformações da memória cultura. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2 ed. Belo Horizonte: Antêntica, 2010.

CURRY, Andréia. Udelino prometia um paraíso na terra. **A Gazeta**. 10 de agosto de 1997.

DIAS, Luzimar Nogueira. **Massacre em Ecoporanga: lutas camponesas no Espírito Santo**. Vitória: Coojes, 1984.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Assembléia Legislativa. **Comissão Parlamentar de Inquérito, nº 71/53**. 16 de abril de 1953.

MATOS, Udelino Alves de. **[carta]** Rio de Janeiro, 15 de abril de 1953, [para] Sr. Cristolino Cardoso, 1953.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Vazios demográficos ou territórios indígenas? In: **Dimensões** – Revista de História da Ufes. Vitória: universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, nº 11, 2000.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro. In.: **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - Vol. 16 nº 46, 2001.

NEVES, Jones dos Santos. **Ofício N. G/1 471** [para] Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Francisco Negrão de Lima – Rio de Janeiro – DF. Vitória – ES, 09 de abril de 1953

PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: Notas sobre o testemunho hispano-americano. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.). **História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo: no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus Editora / Edusp, 1965.

QUEIROZ, Mauricio Vinhas de. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das

Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SEGANTTINI, Fábio. Um estado diferente do Norte. **A Tribuna**. 25 de abril de 2010.

VILAÇA, Adilson. **Cotaxé**. Vitória: Textus, 4ª ed., 2007.

O EFÊMERO Estado União de Jeovah. Direção: Joel Zito Araújo. Produção: Luciana Velloso Santos. Ecoporanga – ES: LCA Produções; Tapiri Cinema e Vídeo, 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6kD-FvhdPaM>>. Acesso em 20 de novembro de 2014.

SERRA, Josué Brochini. **Estado de União de Jeovah**. 2010. Entrevista concedida a Victor Augusto Lage Pena, Ecoporanga, 13 jun. 2010.

ARAÚJO, Anísio Ribeiro de. **Estado de União de Jeovah**. 2010. Entrevista concedida a Victor Augusto Lage Pena, Ecoporanga, 13 jun. 2010.